

**ALGUNS INDÍCIOS EM TORNO DA RECEPÇÃO CRÍTICA DO ROMANCE
SONHOS D'OURO (1872), DE JOSÉ DE ALENCAR, NAS PÁGINAS DA
IMPrensa FLUMINENSE.**

Priscila Salvaia (UNICAMP)¹

Resumo: No presente texto apresentamos alguns indícios em torno da recepção crítica do romance-folhetim *Sonhos d'ouro* (1872), de Sênio, pseudônimo de José de Alencar, em meio à imprensa da época. Nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* pudemos constatar um profícuo debate acerca de questões inspiradas pela obra, tais como a presença do elemento estrangeiro no romance; o tema do dinheiro e da ambição social num contexto marcado pela emergência do liberalismo; ou ainda a temática da moralidade e das expectativas a respeito do gosto do(a)s leitor(a)s das narrativas folhetinescas. Enfim, questões suscitadas - quiçá, induzidas - pelo narrador-personagem caracterizado pela senilidade, e que reverberaram nos meios da época.

Palavras-chave: Imprensa; Folhetim; José de Alencar.

Em julho de 1872, como preâmbulo ao romance *Sonhos d'ouro*, José de Alencar, sob o pseudônimo Sênio, brindava o seu público com um longo texto intitulado “Benção Paterna” (SÊNIO [ALENCAR], 1872).

Nas primeiras linhas do escrito já surgia a exclamação: “Ainda o romance!” (SÊNIO [ALENCAR], 1872, p. 9), e Sênio iniciava um diálogo com o livrinho dourado. Retomando acusações sofridas anteriormente, Sênio demonstrava a sua indignação acerca das suposições de que haveria uma indústria cultural consolidada no Brasil: “Musa industrial no Brasil! [...] Não consta que alguém já vivesse nessa terra abençoada do produto de obras literárias.” (SÊNIO [ALENCAR], 1872, p. 9). E, nas palavras de Sênio, se o pequeno *Sonhos d'ouro* desejasse fugir à pecha de “produto industrial”, o jeito era desagradar ao público, não ser lido, e deixar-se envolver por uma crosta de pó, num canto qualquer de uma estante esquecida.

Atacando para defender-se, a persona de José de Alencar também desqualificava parte da crítica², ao mesmo tempo em que lançava um olhar benevolente, ou, talvez, solidário, ao público que consumia essa chamada “literatura industrial”, que podemos

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária no IEL/UNICAMP. Contato: priscila_salvaia@hotmail.com.

² Alguns nomes seriam poupados: “Aos amigos, como Joaquim Serra, Salvador de Mendonça, Luiz Guimarães, e outros benévolos camaradas; tu lhes dirás, livrinho, que te poupem a qualquer elogio. Para a crítica têm eles toda a liberdade, nem carecem que lh’á deem: mas no que toca a louvor, pede encarecidamente que se abstenham.” (SÊNIO [ALENCAR], 1872, p. 8).



entender folhetinesca e inscrita nas páginas da imprensa, direta ou indiretamente. No caso de *Sonhos d'ouro*, eram esperados dois pontos de inflexão: o peso e a cor. Sênio previa que o livro seria considerado leve demais, de pequeno cabedal e até descuidado; além disso, e ainda na ótica dessa crítica torpe, a obra também seria caracterizada por um estrangeirismo arrebicado.

No que concerne à leveza, o autor-personagem recorria aos leitores para se resguardar. Filho de seu tempo, *Sonhos d'ouro* poderia ser considerado um romance simples, de fácil assimilação, e concebido com a pretensão de agradar ao gosto de um público-leitor habituado às tramas publicadas aos pedaços nos jornais. Sabemos que o romance em questão não saiu na imprensa, no entanto, a estrutura era a mesma de tantos folhetins, e a experiência de leitura esperada possivelmente semelhante. Alencar nos fala de um leitor displicente, às voltas com sua própria rotina, e que poderia encontrar no “livrinho” um recreio para o seu dia:

Em um tempo em que não mais se pode ler, pois o ímpeto da vida mal consente folhear o livro, que à noite deixou de ser novidade, e caiu da voga; no meio desse turbilhão que nos arrasta, que vinha fazer uma obra séria e refletida? Perca pois a crítica esse costume em que está de exigir em cada romance que lhe dão, um poema. Autor que o fizesse, carecia de curador, como um pródigo que seria, e esbanjador de seus cabedais. (SÊNIO [ALENCAR], 1872, p. 9).

Em sua dissertação, Valéria Cristina Bezerra (BEZERRA, 2012) arrolou alguns dos paratextos vinculados aos romances de José de Alencar, demonstrando a ascendência desses escritos na recepção de suas obras. Isto posto, e seguindo os passos de Bezerra, podemos afirmar que, em seus preâmbulos, José de Alencar buscava “influenciar” a crítica especializada (e considerada mal formada), além de esboçar um modelo de leitor (neste caso, dito superficial). Pois bem, mais uma vez, e pelo menos em relação à crítica, os apontamentos de Alencar seriam quase certos.

José de Alencar, historiador.



Nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* rastreamos um profícuo debate suscitado pela publicação de *Sonhos d'ouro*. Nele, o pseudônimo não identificado Alceste, entoava quase todas as prerrogativas sugeridas por Sênio em sua “Benção Paterna”.

Por conseguinte, o tema do “exclusivismo nacional” surgiria como um critério relevante na avaliação da obra. E, para tanto, era proposto um breve exame do casal de protagonistas, Guida e Ricardo. Alceste questionava se a jovem aristocrática, e o rapaz tão cheio de devaneios, seriam, de fato, tipos naturais de nossa sociedade, considerada “franca e democrática³”. O argumento que Alceste utilizava para explicar o deslocamento das personagens na cena brasileira oitocentista bebia na fonte inesgotável do julgo moral. No trecho, que tratava do casal e de outros vultos do romance, a análise seguia acachapante:

[...] serão estes e outros personagens do seu romance individualidades morais que ofereçam boa escola ao povo e o encarreirem como os exemplos da prodigalidade aristocrática, da esmola desdenhosa, da frieza dos laços de família no bom caminho das virtudes cívicas e de emancipação política? (ALCESTE [pseudônimo desconhecido], 1872, p.1).

Com protagonistas de caráter duvidoso, e uma trama repleta de estrangeirismos arrebitados, *Sonhos d'ouro* ressoava por seu conteúdo pouco exemplar e, portanto, distanciava-se das funções do romance postuladas por tantos críticos da época. Assim, Alceste não titubeava ao taxar a narrativa como “um verdadeiro escrito de polêmica⁴” (ALCESTE [pseudônimo desconhecido], 1872, p.1). O livrinho de Sênio não retratava a sociedade íntima daqueles tempos com base numa idealização moralizante, por isso, de acordo com Alceste, como romancista, José de Alencar revelava-se um péssimo historiador. Ou seja, Alencar falhava como romancista, por não educar pela emoção; e também falhava como historiador, pois tratava de um cotidiano prosaico, que fugia às prescrições de uma História compreendida mestra da vida:

³ “Entretanto, permita-nos o erudito escritor que perguntemos à crítica filosófica, se Guida, a jovem caprichosa e aristocrática, se Ricardo, o homem dos devaneios e do orgulho intelectual, são tipos naturais de nossa sociedade íntima, tão franca e democrática?” ALCESTE (pseudônimo desconhecido). “Cartas a Philinto”. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9, 10 de setembro de 1872, p.1.

⁴ “Os Sonhos d'ouro do Sr. Conselheiro José de Alencar, apesar de sua aparência de romance, são um verdadeiro escrito de polemica.” In: ALCESTE (pseudônimo desconhecido). “Cartas a Philinto”. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9, 10 de setembro de 1872, p.1.

Desculpe-nos o ilustre escritor. Admiramos a sua eloquência e energia na tribuna, foram para nós modelos os seus escritos de polêmica, aplaudimos com entusiasmo as suas primeiras criações ideais, mas tememos o seu influxo como romancista de ideias aristocráticas. Parece-nos que a sua pena viril e severa estava talhada para a história filosófica do país, não para a história indigesta e convencional, que por aí desafia a verdade e não passa do[e] compilação pretensiosa, mas a história séria que analisando os erros do passado, dá lições às gerações novas. Aí não haverá o perigo dos tipos ideais e o talento do escritor achará campo mais desafogado e mais digno de sua energia moral (ALCESTE [pseudônimo desconhecido], 1872, p.1).

Passados apenas dois dias do primeiro texto de Alceste, nas mesmas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, acompanharíamos a réplica de Sênio (SÊNIO [José de Alencar], 1872[*]). De antemão, sublinhamos a importância do texto, informando que o escrito passou a ser incorporado às subsequentes edições do livro, como uma proposta de posfácio. Portanto, estamos diante de um debate que saiu das páginas efêmeras da imprensa e fundiu-se à recepção duradoura do livro.

Satisfeito com a contenda⁵, Sênio retomava os exatos pontos elencados pelo crítico. Em primeiro lugar, o autor esclarecia que seus personagens não eram concebidos sob a ótica da intimidade⁶. A trama tratava de relações publicizadas, ocorridas à luz do dia e, muitas vezes, no cotidiano das ruas. Logo em seguida, Sênio questionava a proposta de análise da personagem Guida: “Não há capricho no Brasil?”. Por que razão, nossa sociedade, “mundana ou íntima”, não apresentaria o tipo de uma moça caprichosa e aristocrática?⁷ E, concluindo o trecho, a persona atestava que o espírito aristocrático de Guida tinha lá as suas especificidades, pois não provinha dos arcaísmos da tradição, mas sim do tóxico inebriante do dinheiro⁸:

Também será deserdada de toda superioridade essa raça brasileira, a ponto de não sentirem, os espíritos elevados quaisquer assomos da

⁵ “A mim deleitam-me os certames literários.” SÊNIO. (ALENCAR, José de). “Os sonhos de ouro”. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1872.

⁶ “Antes de tudo a ninguém disse o autor que ia esboçar os seus personagens pelo prisma da vida íntima. Bem ao contrário os apresenta ele a maior parte das vezes fora da intimidade da família, em passeio ou na convivência de pessoas estranhas.” Idem.

⁷ “Por que razão não apresentará nossa sociedade, a mundana ou a íntima, o tipo de uma menina caprichosa e aristocrática? Não há capricho no Brasil? Aqui as rosas são, como dizia Milton das do Éden, sem espinhos (*without thorn*)?” In: Idem.

⁸ “É indispensável habituar um homem desde criança a lidar com esse tóxico perigoso, que se chama dinheiro; do contrário corre o inexperiente o risco de embriagar-se com ele.” In: Idem.

aristocracia natural que não vem da linhagem, mas de alguma proeminência social, chame-se esta dinheiro, talento ou posição? (SÊNIO [Alencar], 1872[*])

Nossa protagonista era filha de banqueiro. Não carregava a linhagem de um sobrenome pomposo, tampouco a ilustração e inexpressão de um *bibelô* feminil. Algo do traço brasileiro - e periférico - de Guida revelava-se em sua necessidade de imitação dos hábitos europeus: nas roupas de cachemira, no uso de luvas, no costume de andar acompanhada de uma governanta e um criado estrangeiros. O mesmo traço também se revelava numa domesticidade tonalizada pelos arranjos da casa e pelo controle da escravaria⁹. Enfim, a riquíssima filha do capitalista também era sinhá e, na ótica de Sênio, tal combinação não denotava nenhum tipo de contradição. Isto posto, o capricho apresentava-se como uma forma de diferenciação, especialmente no espaço público, onde Guida representava uma elegância e altivez, que não faziam parte de seu dia a dia no espaço doméstico. E, nesse processo de autoafirmação social, alguns excessos faziam-se necessários:

Desconhece a vida fluminense quem negar a existência do que se chama entre nós a “alta sociedade”, embora sem o esplendor do *grand monde* em Paris e da *high life* em Londres.

Se o ilustrado crítico chegasse à janela da sua tipografia em um dia de festa, veria passar-lhe diante dos olhos não uma, senão muitas moças mais caprichosas e aristocráticas do que a Guida.

[...] Talvez que o severo crítico sentisse o ressaibo de estrangeirismo no fato de trazer Guida em sua carteira uma nota de cinquenta mil-réis para fazer com ela uma esmola disfarçada por uma travessura.

Se ainda não desapareceu em todas as zonas da sociedade fluminense o tempo do “papai me dá um vintém”, não é menos certo que um melhor princípio de educação doméstica já condenou aquela tacanha e mesquinha inquisição familiar, que excedia-se em preparar a massa dos hipócritas, dos avaros e dos perdulários.

[...] Que resta da inculcada aristocracia de Guida?

Uns desperdícios feitos pela moça, que dava chocolate a comer ao seu cavalo e mandava-o lavar com vinho em vez de aguardente (SÊNIO [Alencar], 1872[*]).

⁹ “Em um país onde tanto se esbanja com extravagâncias, onde homens sérios queimam centenas de contos em baboseiras, não se concebe que a filha de um banqueiro pudesse ter quejando capricho? Será necessário ir às sociedades de velha fidalguia para encontrar exemplos dessas dissipações? Ao contrário, o traço brasileiro está aí se revelando. Desses caprichos não se lembraria Guida se, apesar de rica, não se ocupasse com os arranjos da casa e não tivesse as chaves da dispensa.” Idem.



Da afetação de Guida ao anseio de ascensão de Ricardo. O jovem rapaz, de origem humilde e confessos desejos de elevação social, era fascinado pelo universo de excessos por onde Guida transitava. Mas Ricardo não era um sonhador. Retomando o termo utilizado por Alceste, Sênio advogava em defesa de seu personagem: O bacharel não era um “homem de devaneios”, pelo contrário, Ricardo era um homem prático, de interesses positivos, e ciente dos desafios que lhe eram reservados enquanto chefe de uma família numerosa e paupérrima, que o via como único arrimo¹⁰.

Mais uma vez, Sênio insistia: não estávamos diante de tipos estrangeirados. Aliás, não estávamos diante de tipos. Guida e Ricardo eram caracteres formados pelas nossas condições sociais e idiossincrasias¹¹, e carregavam consigo os valores de nossa sociedade de fim de século que, para o autor-personagem, poderia ser caracterizada pelo afrouxamento das hierarquias de classe. Por conseguinte, e retomando o julgo de Alceste, o casal não estaria deslocado nesse cenário brasileiro, dito “franco e democrático” que, em teoria, admitiria que todos - independentemente da origem - pudessem almejar um lugar ao sol:

Tachando as duas personagens principais de estrangeiras, deu a entender que destoavam da nossa “sociedade franca e democrática”. Mas não será franca e democrática a sociedade onde se passam as cenas do romance? Onde dois moços pobres e desconhecidos são convidados a jantar, logo depois de rápido conhecimento, feito pela manhã em um encontro? Onde a fidalguia é representada por titulares de carregação, como um barão que foi tropeiro, um visconde que foi belchior, e um conselheiro que tem casa de consignações? (SÊNIO [Alencar], 1872[*])

¹⁰ “Longe de ser o “homem dos devaneios”, Ricardo é o homem prático, preocupado dos interesses positivos da vida, compenetrado de sua grave responsabilidade como chefe de uma família não pequena e paupérrima que tem nele o único arrimo. Professa a advocacia, donde espera tirar recursos; luta com uma corajosa tenacidade contra as dificuldades do tirocínio. Nas horas de lazer não faz verso, desenha, como eu costume fazer às vezes, à toa e por desfastio, sem nunca ter aprendido; e confesso que esses grosseiros *empastes* me divertem.” In: Idem.

¹¹ “Nem Guida, nem Ricardo são tipos, mas caracteres formados pelas nossas condições sociais, idiossincrasias, como outras que aí estão se reproduzindo ao infinito, sob a influência de um concurso qualquer de circunstâncias. A diferença entre um tipo e um caráter não careço de a determinar, pois não a ignora o ilustrado crítico. O *tipo* é moral; o *caráter* é psicológico. Este só contraste basta: dá-nos ela outra importante aferição. O *tipo* forma-se exteriormente pelo molde social; o *caráter* é uma criação espontânea, que se produz internamente pelas modalidades da consciência.” Idem.



Logo, José de Alencar, ou Sênio, contrariava as expectativas da crítica e, ao invés de abnegar a sociedade carcomida que representava, parecia reafirmá-la em seus aspectos mais abjetos. Dessa maneira, podemos cogitar que, se não estamos diante de um narrador didaticamente dualista, era delegado aos leitores o exercício de aguçar suas percepções diante dos matizes que envolviam a trama. Por isso, acreditamos na possibilidade de que o literato acenasse com um voto de confiança à criticidade de seu público.

É claro que não temos a ilusão de advogar por um romance de sofisticadíssimos recursos formais. No famigerado prefácio, Sênio parecia ciente das particularidades de se produzir ficção para um público de práticas de leitura apressadas, próprias daqueles tempos modernos: “Não se prepara um banquete para viajantes de caminho de ferro, que almoçam à minuto, de relógio na mão, entre dois guinchos da locomotiva.” (SÊNIO [Alencar], 1872, p. 9). Folhetinesca, a narrativa dourada nos fala da força de um sentimento amoroso capaz de superar todo e qualquer obstáculo. Sendo assim, o fio condutor emotivo reafirmava todos os cacoetes que envolvem esse tipo de construção narrativa. Porém, tal constatação não deve ser compreendida como um empecilho para que o literato tocasse em temas considerados mais graves, e que exigissem certa perspicácia dos leitores.

Referências

ALCESTE (pseudônimo desconhecido). “Cartas a Philinto”. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9, 10 de setembro de 1872, p.1.

BEZERRA, Valéria Cristina. *A recepção crítica de José de Alencar: a avaliação de seus romances e a representação de seus leitores*. Dissertação (Mestrado) em Teoria e História Literária. Campinas: IEL/UNICAMP, 2012.

SÊNIO [ALENCAR, José de]. “Benção Paterna”. In: SÊNIO (ALENCAR, José de). *Sonhos d’ouro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1872. Disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00015510#page/1/mode/1up>. [Acesso em abril/2017].

SÊNIO. [ALENCAR, José de]. “Os sonhos de ouro”. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1872[*].

** Os periódicos citados foram consultados através do site da Hemeroteca Digital Brasileira (BN): <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>